

O QUE QUER UMA MULHER? WHAT DOES A WOMAN WANT?

Denise Maurano*

RESENHA DE:

Zalcborg, M. (2007). *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 256 páginas.

Você tem alguma ideia? Pois Malvine Zalcborg tem. E tem muitas. Elas pululam em seu belo livro *Amor paixão feminina*, lançado pela Editora Campus/Elsevier. Que as mulheres querem, disso não se tem a menor dúvida. Queremos sempre. Demandamos isso, aquilo, e não sei o que mais, movidas por um desejo que não quer calar. Aliás, que, sobretudo, não quer calar. Dele uma coisa nós sabemos – é indestrutível. Ai daquele que pensa poder estancá-lo com suas oferendas! O que, obviamente, não invalida nossa admiração pelas belas tentativas.

Nosso querido Freud já se coçava com essa questão: o que quer uma mulher? Eis o enigma central do insondável continente negro, maneira pela qual designa a mulher. Essa, inclusive, não existe, radicaliza Lacan, autor tão caro à autora do livro. Mas não se espantem! Nós existimos em nossa materialidade empírica, contadas uma a uma, o que não existe é a possibilidade de sermos generalizadas frente a um artigo definido: A mulher. Somos mesmo é marcadas pela indefinição, um pouco isso, um pouco aquilo, nunca totalmente. A psicanálise e a vida nos ensinam: um homem se mede por outros; o poder viril visa sempre à totalidade. Já a mulher, em sua dimensão feminina, quer ser contada como única, escapa a

* Psicanalista; Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise; Professora Associada da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Autora, dentre outros livros, de *A transferência*, Coleção Passo-a-passo, Jorge Zahar ed., 2006.

toda representação que tente apreendê-la. Por isso se pode dizer que, por a mulher não existir, ela precisa ser inventada: um pó marmóreo a recobrir-lhe as marcas do tempo, um carmim na face aludindo à vida sobrenatural, um risco nos olhos para que sejam vistos, um batom que reinventa a cor da carne, um silicone aqui, um botox ali... E haja Baudelaire, e toda uma legião de poetas, literatos, romancistas, dramaturgos, cineastas, artistas de todas as espécies, jamais esquecidos pela autora de *Amor paixão feminina*, para virem em socorro na difícil tarefa de dizer do inefável, dar-lhe visibilidade. E aí, viva a mascarada e todos os artifícios para mostrar o indizível!

Assim, num tom fluido, palatável e, sobretudo, atraente, a autora, valendo-se de sua vasta experiência acadêmica, clínica e de vida, transpõe os muros da academia e constrói uma obra que é ao mesmo tempo um compêndio de psicanálise. No qual introduz de forma clara e concisa conceitos-chaves da teoria psicanalítica como pulsão, libido, desejo, fantasia, falo, gozo, objeto *a*, só para citar alguns. E configura também uma pesquisa minuciosa sobre a paixão pelo amor que acossa, sobretudo, as mulheres. Para isso ela toma como eixo a obra de Freud e os avanços de Lacan frente à questão da feminilidade. A autora transita com destreza entre o saber mais erudito – os clássicos, os fundamentos filosóficos – e os elementos da cultura mais próximos da observação cotidiana de alguém que está engajado no seu tempo. De forma sagaz e precisa, faz as letras de seu livro nos transportarem a muitos romances, vários poemas e filmes que lhe servem não apenas para ilustrar o que diz, mas para reificar essa dimensão da experiência que o feminino aponta e que escapa à possibilidade de delimitação racional conceitual.

E com que habilidade foi batizado cada capítulo e subcapítulo dessa obra! Quem não se interessa em saber sobre *A função eminente do amor na mulher*? Ou *Como distinguir a essência da mulher*? Ainda que seja para nos dizer que a mulher não tem essência. Quem não tem curiosidade em ler sobre *O lugar do homem na definição de uma mulher*? Ou *O que é um homem na fantasia de uma mulher* e vice-versa? E mesmo *A mulher é infiel por estrutura*? Como assim? Está lá. E não se trata de folhetim ou “achologia” não, como muitas vezes encontramos por aí, trata-se de uma pesquisa séria que, nem por isso, precisou ficar hermética, dogmática. Nem por esse motivo precisou deixar de frequentar o mundo dos vivos, aliás, dos muito vivos.

No contraponto, ao abordar a questão da feminilidade, uma larga discussão sobre a histeria faz-se presente. Não para reduzir a posição feminina à histeria, mas para destacar o que a histérica revela acerca das dificuldades que a lida com o feminino engendra. E aí, é claro que os percalços da função materna se evidenciam. A intensidade da relação mãe-filha, tema já desenvolvido pela autora em livro que leva esse nome, é retomada aqui para indicar o ponto no qual essa relação traz a

marca indelével de um gozo ilimitado, jamais completamente barrado por um pai, e que ameaça, de forma singular, a filha. Donde a histeria surge como uma das soluções possíveis, circunscrita em torno do amor ao pai e da organização fálica que ele representa. Solução, entretanto, por demais onerosa, já que, inclinando-a a uma identificação viril, fixa-a numa posição masculina quanto à sexualidade, impedindo-a de reconhecer e valorar diretamente a imagem de seu corpo feminino, precisando pôr em cena uma Outra mulher. Aquela que não se indigna por fazer-se objeto causador do desejo de um homem e que, menos ocupada em ser, pode permitir-se gozar, e fazer gozar. Enquanto para a histérica resta a insatisfação.

No intrincado jogo no qual se separam as posições masculinas e femininas que homens e mulheres são convocados a ocupar, a impossibilidade da relação complementar entre os sexos faz com que o amor nos venha em socorro; venha compensar o desacordo entre os sexos. Mas é bom lembrar que amar é dar o que não se tem. Ou seja, é partilhar a falta que insiste e, por isso mesmo, há que se fazer com ela. Quem sabe, munida pela beleza, fazer criação – sublimação. Sublimação essa da autora ao nos contemplar com esta bela obra.